

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	480000
OITO MEZES (até ao fim deste anno)	320000
SEMESTRE (26 numeros)	250000
NUMERO AVULSO	10000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ESCRITORIO E REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 29 de Agosto de 1895

N. 17

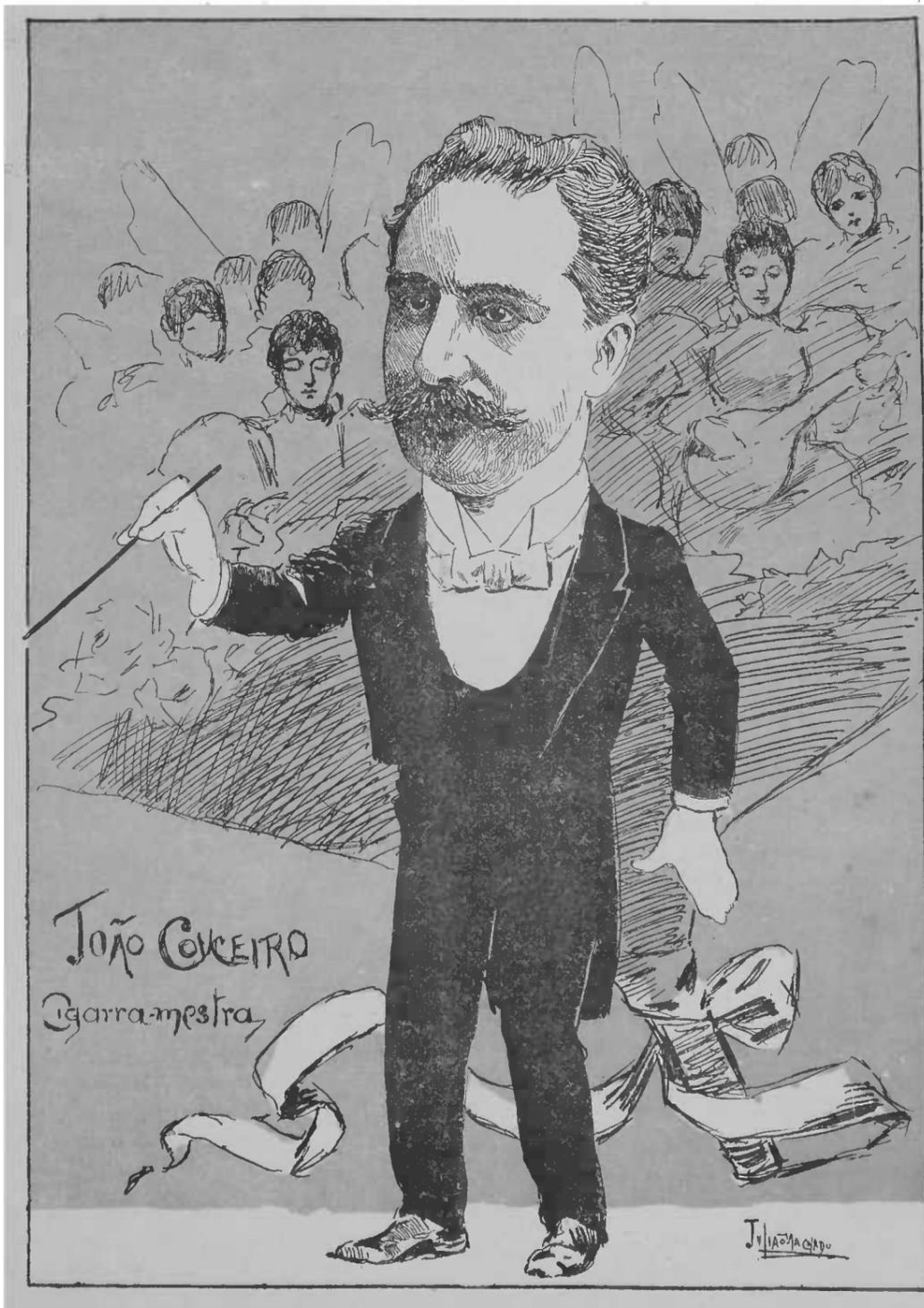
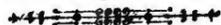
CIGARRAS

A PAZ

No ultimo sabbado, esta folha associou-se á imponente manifestação feita pela imprensa Brasileira ao illustre cidadão dr. PRUDENTE DE MORAES, Primeiro Presidente Civil da Republica, offerecendo a s. ex. quatro ramos de flores, de cuja entrega se encarregaram a linda e pequenina Débora, sobrinha de José do Patrocinio, e as duas gentillissimas m.^{lles} Shiffler.



Por uma coincidência tocante, o tratado de paz foi assignado no mesmo dia em que se celebrava o anniversario da morte de DEODORO DA FONSECA, o querido Soldado a cuja bravura e a cujo patriotismo deve o Brasil a proclamação da Republica. Por isso, *A Cigarra* publica tambem o retrato do Grande Marechal, dando, para acompanhal-o, um artigo inedito de COELHO NETTO.





Oh! os maridos que matam!

Na semana passada, um d'elles compareceu ao jury, e sahiu de lá, absolvido e livre. Eu, se fosse jurado, teria feito o mesmo que os outros fizeram: teria mandado em paz o o homem,—mas unicamente porque não acredito na justiça da terra.

E' uma das cousas que não comprehendí nunca: como um homem, operario ou capitalista, sabio ou ignorante, trahente ou honrado, vae sentar-se alli, n'um logar de jurado, depois de um almoço confortante, em pleno trabalho de digestão feliz, e julga-se serenamente habilitado a dar o seu voto solemne em causas que quasi nunca estudou, a cujo desenvolvimento não presta cinco minutos de attenção aturada, entorpecido como está pela digestão ou pela noite passada n'um baile ou n'uma orgia.

Se algum dia me chamassem a cumprir esse dever de cidadão, eu pagaria todas as multas imaginaveis, sujeitar-me-ia a ir purgar no fundo de um carcere o meu procedimento anti-patriotico,—mas não iria nunca dizer alli a palavra tremenda de que depende a sorte de um homem, meu igual, meu irmão.

Eu jurado! Eu, tão carregado de peccados e de más acções, eu, tão enlameado na enxurrada da vida, eu, tão *homem* e, portanto, tão injusto e tão máu,— eu, — como se em mim se pudesse incarnar e fixar esse ideal sobrehumano da justiça,—contribuir com uma palavra para decidir a sorte de um homem, para arremessal-o ao fundo de uma penitenciaria...

Que ideia pôde fazer o jurado —dono de venda, que furta no peso dos generos— da justiça? Que ideia pôde fazer da justiça o jurado—azeveiro, que commette adulterios e seduz meninas? Que ideia pôde fazer da justiça, o jurado—*homem*, vingativo, rancoroso, calumniador, interesseiro, hypocrita?

« Eu, por mim, sou passavelmente honesto; e poderia, apesar d'isso, accusar-me de crimes tão graves, que deveria desejar nunca ter nascido! sou orgulhoso, cruel, ambicioso... —diz Hamlet a Ophelia. Ingenuo Hamlet! com esses defeitos achava-se até indigno de viver. E qualquer sujeito, que possue um milhão de outros defeitos mais serios, julga-se capaz de ser juiz das paixões humanas!

E por isso que, sem ser principe da Dinamarca, nunca eu teria a coragem de aceitar o papel de jurado. Mas, se o aceitasse, absolveria systematicamente todos os accusados, o gatuno como o falsario, o testa de ferro como o parricida,— porque preferiria mil vezes dar um malfetor á communhão social do que dar á minha propria alma a sombra mais leve de um remorso possivel. Já veem que não escrevo esta chronica para mal dizer do jury que absolveu um marido-assassino, na semana passada: eu o teria tambem absolvido.

Mas, ha uma observação a fazer: concordo com a absolvição, mas não concordo com os carinhos de sympathia e de piedade de que o cercou a opinião publica.— « Oh! um infeliz! um allucinado! um martyr da sua honra! »

Um infeliz—de accôrdo. Amava e foi trahido. Não ha infelicidade maior. Mas um homem, por ser infeliz, não tem o direito de tirar a vida a ninguem. Um infeliz, de accôrdo! mas, porque dar todas as lagrimas a essa infelicidade, e negal-as á outra, á maior, á infelicidade da que morreu, para pagar uma falta tão humana, tão simples, tão digna de perdão?

Um allucinado? sem duvida! Mas não era tambem uma allucinada, allucinada de amor, a desgraçada que não soube resistir ás tentações do adulterio? Sem duvida, o homem que, n'um momento de colera, lança mão de um revolver e prostra sem vida a mulher infiel, não está em si: não ha peor delirio que o do ciume! Mas.. e ella, fraca de intelligencia, sem educação moral, sem experiencia da vida, sem força de character, talvez sem amar o marido, talvez sem nunca o ter amado,— vê um outro homem, ama-o, entrega-se-lhe *allucinadamente*, e não tem perdão!

Oh! não me opporei nunca a que se perdôe o allucinado de ciume. Mas, porque não perdoou elle tambem a allucinada de amor?

Um martyr da sua honra? Ah! isso não, tenham paciencia! Digam: um martyr do seu egoismo..

Notem bem que não ha nestas palavras — martyr do seu egoismo — o desejo de deprimir o character do matador. O egoismo não é um crime, não é um defeito, não é um sentimento reprovavel, porque é humano, profundamente humano. O altruismo perfeito é um sonho. O mais altruista dos homens é um monstro de egoismo.

Digam — um martyr do seu egoismo! Em primeiro logar, que é a honra? Então uma mulher deshona um homem só porque deixa de amal-o? Não me venham fallar de deveres de casamento, de obrigações sociaes, de contracto conjugal! — todos os preconceitos do mundo não valem a vida de uma creatura!

Depois, este caso de honra conjugal já não pôde aproveitar a defeza nenhuma. Tanto assim, que não ha jury que absolva um marido criminoso de morte,— *attendendo a que elle tinha o direito de desaggravar a sua honra conjugal*. O jury faz o que fez a semana passada: absolve o accusado,— *attendendo a que elle, no momento do crime, não estava no uso pleno das suas faculdades mentaes*.

E matar a mulher que pécca! Que culpa tem ella, a infeliz, com os seus nervos desequilibrados, com a sua alma

leviana, com a sua incompleta comprehensão da moral,—que culpa tem ella de que o unico homem a quem deveria amar não tenha satisfeito o seu ideal?

Decididamente, o assumpto é triste, e o que é peor — é grave.

Que quereis? ninguem é senhor dos assumptos. Eu, se pudesse, teria polvilhado do ouro puro da alegria e da satyra esta pagina. Em vez d'isso, enchi-a de cousas lugubres e pedantes.

Não importa! fiz o que a penna queria, e fui para onde ella me levava,— o que é a unica cousa rozoavel que um chronista póde fazer. Repito que, se fosse jurado, teria tambem absolvido o digno e infeliz homem, que, ciumento e exaltado, infringiu o preceito biblico, manchando as mãos no pobre sangue de uma victima dos seus nervos e da sua sorte má. Tel-o-ia absolvido lá, como o absolvo aqui, do fundo da alma, — tolerante como sou, e compadecido de todas as allucinações do homem.

Mas, porque a não absolveu elle tambem?

Vá que a não absolvesse, que lhe não perdoasse... Mas que a deixasse viver, com a sua desgraça, com o seu remorso, com os seus erros, com os seus peccados!

Fantasio.



DR. CYRIDIÃO DURVAL

ORADOR, PROFESSOR E POETA, FALLECIDO NA BAHIA EM AGOSTO DE 1895

DEODORO

Foi na manhã de 3 de Outubro de 1893, na casa da rua do Senador Vergueiro, que o vi pela derradeira vez, deformado pelo coração.

N'um fragil canapé de vime, á beira d'um raio de sol, o heróe arquejava,— a cabeça derreada sobre a parede, a bocca semi-aberta, immovel. As mãos repousando sobre as coxas tuígdas da edemacia, pareciam calçadas em grossas luvas de esgrimista; o rosto, immenso, sem um vinco, liso e arroxeadado, reluzia; a barba hispida, selvagem, o cabello n'um desalinho de angustia: apenas guardavam a expressão antiga os olhos, os mesmos olhos d'aguia, energicos e luminosos, cheios de audacia e de resignação... Vendo-me, sorriu; e a mascara he-

dionda que a molestia lhe afivelara ao rosto outr'ora secco e auguloso, inflado então, franziu-se n'um rictus que podia ser de prazer ou de dôr. Da bocca sahiu-lhe um regougo inexpressivo; mas logo a ancia retomou-o, e as grossas e pesadas mãos juntaram-se no peito largo, grande, como que dilatado pelo coração que lhe ia tomando todo o corpo, abrindo caminho, como um polypo que espalhasse as suas raizes desgarradamente. A cabeça oscillava, arrastando-se pela parede, n'uma ancia penosa, e o offego afflicto ouvia-se em toda a sala. Serenando, fitou-me de novo. Eu olhava-o sem uma palavra, commovido, quasi a chorar, e elle, vendo-me assim, abandonou com desalento as mãos, meneou com a cabeça, e, calcando com um dedo o dorso de uma das mãos, mostrou-me a carne cavada profundamente, mostrou-me as coxas, passou a mão pelo rosto, e, tocando nos labios, acenou negativamente, como a dizer que já não falava: sorriu, e os seus olhos vivos voltaram-se com mansidão para o ceu.

Houve um *toc toc* na sala; o heróe agitou-se, volvendo os olhos d'um lado para outro, e teve um gesto rapido, mostrando-me o seu velho podengó, o *Tupy*, que se coçava em pleno sol, ganindo surdamente; e o heróe sorriu, vendo a afflicção do animal que se torcia, procurando morder a anca. E recahiu em novo silencio, pendendo a cabeça, immovel, d'olhos fechados. Affastei-me cautelosamente, em passos surdos, porque a senhora, de longe, acenava chamando-me.

— Está dormindo,— disse baixinho. Mas, voltando-me, vi de novo os olhos d'aguia, cheios de audacia e de resignação, que me acompanhavam. Saudei-o, e elle sorriu, agitando a ambas as mãos n'um adeus pesado...

..... E foi a ultima vez que vi o marechal Deodoro, só.

(Das Notas Intimas.)

Coelho Netto.



A JOÃO CHAGAS E MARIANNO PINO

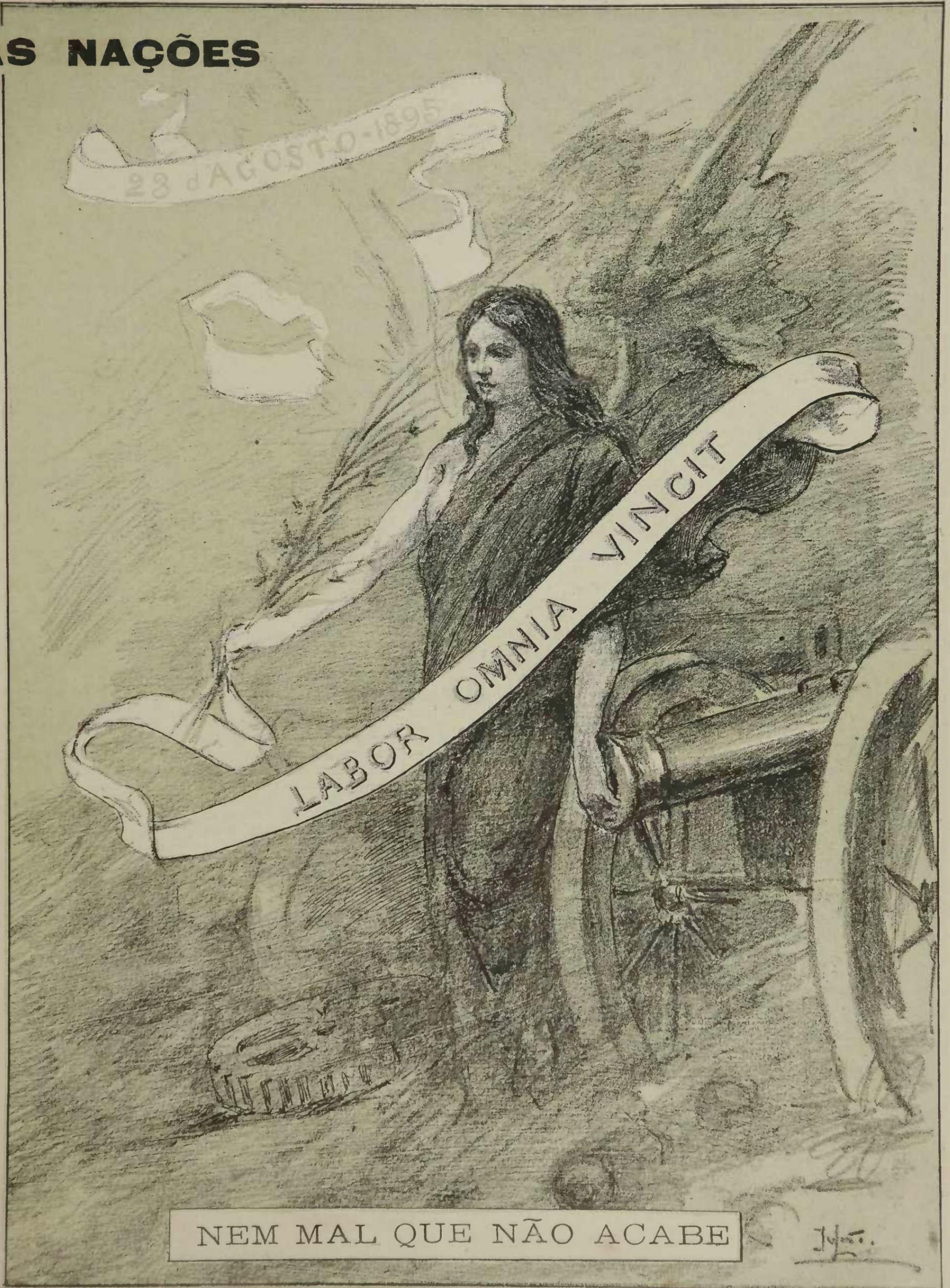
A SABEDORIA

NÃO HA BEM QUE SEMPRE DURE



J. MACAGABO.

DAS NAÇÕES



NEM MAL QUE NÃO ACABE

J. L.



Paz! Tardou, mas veio. Volta a serenidade, depois de longa ausencia, a pairar sobre as gloriosas cochillas do sul. Trata-se agora de esquecer o que alli houve de horrivel...

Esquecer? E' possivel que o mau pessimismo não tenha razão. Mas, creio que aquella gente não esquecerá nunca o que soffreu. De parte a parte, a lucta civil no Rio Grande foi uma lucta de canibaes, de irresponsaveis, de feras. Os inimigos mortos eram mutilados, queimados, castrados. O odio partidario cevava se mesmo nos tristes despojos da virilidade morta. Se é verdade que D. Pedro o Crú, levado de um sentimento de vingança, cravou os dentes gulosos no morto coração de cada um dos matadores da sua Ignez,—esse principe de uma edaue barbara foi menos cruel que a gente gaúcha. O ultrage aos mortos nunca foi tão completo como alli. E pensar a gente que todo o mundo se ufanava da bondade inexcusable, da encantadora cordura do coração brasileiro! O cordeiro fez-se hyena.

Esquecer?—Mas ainda mesmo que se apague dos corações a memoria das affrontas recebidas, das degolas, das profanações,—o que é difficil—resta, para perturbar ainda por largo tempo o sul e para dar a todos o receio de que a paz agora assentada seja ficticia,—uma questão mais seria.

O homem,—isto já tem sido dito e redito, em todas as linguas vivas e mortas—perdoa o ataque á sua vida, á sua honra, á sua familia: mas não perdoa nunca o ataque á sua propriedade. Tal sujeito incapaz de dar um cachação no pelintra que lhe rouba a mulher, é capaz de desfechar doze tiros no gatuno que lhe rouba o relógio. Um ditado popular affirma que—questões de terra são mães de má guerra. O egoismo humano é assim.

Feita a paz no sul, vão agora começar as brigas por causa de indemnisações. Quando os emigrados puderem reentrar nas suas terras taladas, e virem as casas incendiadas, e não virem nem gado nos curraes, nem plantações no campo, nem viveres nos celleiros,—o odio antigo resurgirá mais terrivel.

E muitos delles sentirão um grande pezar, vendo que seria melhor ter morrido gloriosamente n'um tiroteio, que ter de aceitar a vida e a paz com a miseria. E no fundo da alma de cada expoliado o fermento do odio fer verá, perpetuo e terrivel.

Oh! a paz! Pois, póde algum dia haver paz no Rio Grande do Sul? A gaúchada não nasceu para os trabalhos pacificos, para a monotona vida da familia, da tranquillidade, do lar.

Em Minas, o povo quando ouve fallar em guerra, foge ou desmaia. No Rio Grande, quando se falla em paz, o povo boceja ou se irrita. O lombo nú de um cavallo, a vida errante, uma lança em punho, um revolver á cinta, o ar livre da campanha, a seducção do perigo,—para isso é que foi feita aquella gente. D'aqui a um anno ou dois, nova revolução conflagrará o Estado.

N'estas mesmas columnas, já manifestei o singular desejo de que o Rio Grande do Sul se desannexasse, desaparecesse, levasse o diabo, comtanto que nos deixasse em paz. Temos alli aquella avantesma a pairar sobre a nossa vida como um pesadello. Para que o Brasil respirasse de hoje em diante desafogadamente, o tratado da paz, assignado entre Galvão e Tavares, devia ser do theor seguinte: Art. 1.º Está feita a pacificação do estado. Art. 2.º O Rio Grande do Sul, reconhecendo a impossibilidade absoluta em que se vê de ter juizo, compromette-se a desaparecer da face da Terra. Só assim poderíamos dormir tranquilos.

Mas, vamos a outro assumpto. A Camara dos Deputados regeitou a proposta feita por um dos seus membros para que, além das sessões diurnas, outras se realizassem, nocturnas, de modo a poderem os pais da patria dar conta da longa tarefa de que estão encarregados.

Os pais da patria não querem fazer serão,—allegando que, antes de terminada a sessão actual, bastar-lhes-ão alguns dias para o acabamento do trabalho. Bem vos conheço, amigos!

O que não quereis é fazer, além do serviço diurno tão bem pago, um serviço nocturno gratuito. Não fazendo sessões á noite, a camara sabe que a sessão será prorogada, e... nós aqui estamos para pagar os mezes de trabalhos que excederem o contracto.

Verá o povo que, quando se tratar da prorogação,—um deputado, com uma cara maliciosa de quem ri de si mesmo,—proporá que haja apenas prorogação de sessão, sem prorogação de subsidio.

A camara tacitamente regeitará a proposta, e estarão salvas as apparencias. O *Jornal do Commercio* já fez ver que cada mez de prorogação custará ao Thesouro Federal a ninharia de seiscentos contos de réis. Imaginem: n'um tempo em que o sr. Rodrigues Alves faz economias até... de palitos administrativos!

Já que propuz um meio de acabar de vez com as guerras civis do Rio Grande, acabando com o proprio Rio Grande,—quero propor um meio de acabar com as prorogações do Congresso, acabando com o proprio Congresso.

Encarreguemos este Senado e esta Camara de se constituirem em sessão permanente durante dez annos. Elles que durante esse tempo se compromettam a fazer todas as leis que, na sua opinião, possam ser necessarias ao Brasil. E que se separem depois, e que se vão em paz para as suas respectivas casas, dando-se a trabalhos que não pesem tanto ao Thesouro. E fiquemos livres delles.

Um amigo meu era habitualmente *mordido* por um bohemio. Dez tostões no domingo, dois mil réis na segunda-feira, cinco tostões na terça, um nikel na quarta, cinco mil réis na quinta, e assim por diante. Um dia o homem perdeu a paciencia. Tirou do bolso uma nota de cem mil réis, deu-a ao pedinte, dizendo-lhe: «Pago-lhe adiantadamente todas as suas *dentadas* futuras; suma-se da minha presença com estes cem mil réis, e fique sabendo que se tiver ainda o desaforo de algum dia me *morder*, parto-lhe os dentes com um murro!»

E' o que o Brasil deve dizer aos seus legisladores: «Tomem cem mil contos de réis, e façam-me todas as leis! ou antes... não façam lei nenhuma! Ponham-se ao fresco!»

L. F.



A CIGARRA

Meu caro...—Como V. apreciará, este hemoptero não é propriamente o famoso insecto mystico celebrado nos idyllios sagrados da divina lyra grega, de Homero a Anachreonte; não é a cigarra que substituiu a corda partida da cythara de Eunuomo no combate melodico com Ariston, e ainda menos a pobre creatura imprevidente, frivola e preguiçosa do bom fabulista Lafontaine, que, n'isto, seguiu a allegoria hellenica á diferença dos poetas e artistas pelas preocupações do estomago. Este meu *rynchôte* é antes a *cicada* dos entomologistas desde Aristoteles e Reaumur até Carlet. O instrumento phnico, de onde a *cicada* tira a sua ardente cavatina não se assemelha ao que permite á moderna Patti gargantear melodiosamente. Como V. sabe, o aparelho musical d'este *rynchôte* é um tambor abdominal, formado por duas pelles seccas e convexas, (timbales) que a *cicada* tóca por contracção simultanea de dois musculos (musculos dos timbales), que vão do centro do instrumento a cada uma das pelles. Elevando e abaixandô rapida e successivamente o abdomen, ella fecha á vontade a cavidade protectora do tambor, dando maior ou menor intensidade ao « cantar ». Não é, pois, musica vocal a que a cigarra faz: é musica instrumental que ella sabe tocar.

Apezar de a terem divinizado, era ella para os gregos saboroso manjar, o que fazia Eliano dizer: « Elles não sabem, esses homens vorazes, quanto offendem ás Musas, filhas de Jupiter ».

Felizmente não herdámos dos Athenienses mais esse peccado...»

A esta linda carta, endereçada á *Cigarra*, juntou o nosso illustre amigo Teixeira de Souza os seguintes versos que inserimos agradecidissimos, para maior gloria da nossa bohemia *Cicada*, que se enche de orgulho, vendo em tão bellas rimas celebrada a

NOVA CIGARRA DE ANACREONTE.

Tu ne subis point la vieillesse, sage enfant de la terre, toi qui aimes les chansons!
ANACREONTE. Ode 43. Trad. de Leconte de Lisle. Paris, 1861.

Quando a cigarra estridula,
Bate alegre, salta, pula
Dos bosques o coração.
Dardeja o sol, mais ardente!
Resplende a luz do verão!
E a propria alma da gente
Se retempera contente,
Na estrepitosa canção!

A festiva symphonia
Estreia ao nascer do dia,
Resôa pelo jardim.
Rufa o *timbale* incessante,
Orchestra que não tem fim!
— A companheira distante
Corre ao convite do amante,
Que rompe o tambor vibrante,
E morre de amor assim.

Da cigarra a terna amiga,
Labuta como a formiga,
Moureja em rude labor.
Desmentindo a fama antiga
De descuidoso folgar,
Ella provê pela sorte
Da geração e do lar;
Ao sonoro consôrte
Ao pobre estival cantor,
Coube a missão do mais forte:
Salvar a especie da morte,
Morrer n'um hymno de amor!

Em 1895.

Teixeira de Souza.



Uma novidade: *Zizinha Maxixe*, — ignominia brasileira pela companhia do *Eden*. A imprensa, com uma unanimidade tocante, desancou a peça, cujo auctor se deixou ficar anonymo, dando prova de um bom senso que bem merece as minhas felicitações. Agora, com franqueza, devo dizer que, em minha opinião, a imprensa não foi justa. Repito que *Zizinha Maxixe* é uma peça hedionda. Porém, se pôde haver gradações na hediondez, declaro que a acho menos hedionda que *Sal e Pimenta* do sr. Souza Bastos, cavalheiro de San Tiago, diante de cujo talento todos os chronistas theatraes da minha terra andam de pennas abaixadas, em continencia respeitosa. E ponto.



Na quarta-feira da passada semana, tivemos no *Lucinda* o beneficio do distincto actor Telmo com uma peça qualquer, e na sexta-feira o da graciosa e sempre applaudida actriz Josepha de Oliveira, com os *Tres dias de Berlinda*.

Ambos concorridissimos.



Fui ao *Colyseo Lavradio*. Está bello aquillo! Na primeira noite, o publico que, segundo parece, esperava a estreia de uma companhia de primeira ordem, quasi pateou a empresa. O publico fez mal. Ao menos, no *Colyseo*, está a gente n'um logar limpo, arejado, luxuoso, clarissimo. Que quer mais o povo?

Confesso, por mim, que prefiro ir applaudir a mais arrebatada empresa de cavallinhos a ir indignar-me em qualquer dos muitos theatros serios desta cidade, em que se representam... Mas, perdão! Tenho hoje muito que fazer. Pela ultima vez,—pontp.



Buck.

J. Gutierrez, um dos melhores artistas photographos que temos, acaba de expôr no luxuoso salão da *Photographica Brasileira* (Gonçalves Dias 40) um admiravel retrato do general Bernardo Vasques feito pelo processo do gelatino-bromuro, e um grande quadro, com formosissimas provas do processo platino typico. Este João Gutierrez, quando aqui chegou ha sete annos, veio disposto a mostrar ao Rio de Janeiro o que é a arte photographica. Fundou primeiro a *Photographia União*, da rua da Carioca, e os seus trabalhos fizeram logo um successo ruidosissimo. Depois, installou a *Photographica Brasileira*, estabelecimento modelo, que é hoje um dos mais ricos e mais prosperos do Rio de Janeiro. Um homem, este Gutierrez! tenacidade, talento, amor ao trabalho...



Celebrou-se, no ultimo dia 24, o anniversario terceiro do *Correio da Tarde*, a quem *A Cigarra* felicita cordialmente.

A paz... no lar do Sr. Costa



- Onde vem? Onde vem às 3 da madrugada?
 - Ah! coitadinha que ainda não sabe! Não sabe, coitadinha!
 Mas sabe!... Está feita a paz no Rio Grande!
 Desta vez é certo, Fifi!

- E é por isso que vem n'esse bello estado?
 Seu deslechoado, seu valdevinos, seu sem vergonha, seu...
 - Faça ponto Fifi! Faça ponto que eu hoje
 não tenho prazer em a ouvir. Perceba bem!
 - Isso é uma ameaça? Seu insolente!



- Mais do que uma ameaça! Ora, veja!

(Uma hora depois)

- Monstro! ter a coragem de dormir sabendo
 que eu estou aqui a corêti por-me!...

J. L. V. A. C. A. D. O.